

RAZÃO E EMOÇÃO: PROFESSOR LUIZ CRUZ LIMA¹ E/NA GEOGRAFIA (ENTREVISTA)²

Tereza Sandra Loiola Vasconcelos³

terezavasconcelos@hotmail.com

Há alguns anos professor Luiz Cruz Lima comentou sobre a ideia de iniciarmos um projeto que contasse um pouco do seu movimento na Geografia do Ceará. A possibilidade surgiu, quando ao organizarmos a estante do Núcleo de Estudos do Território e do Turismo (NETTUR), laboratório anteriormente coordenado por ele, encontramos uma caixa repleta com suas agendas, desde a década de 1990 e, cada uma delas, resguardava sonhos e planos de vida, mas também reflexões de palestras e eventos que participava, além dos relatos e esboços de reuniões. Dentre outros momentos relevantes, sempre resultando em ideias e ações, lá se evidenciam o encontro com professor Florestan Fernandes, as sugestões da professora Rosa Ester Rossini, sem falar das orientações com o professor Milton Santos e reuniões com grupo docente e discente da Universidade Estadual do Ceará (UECE), convívio de longas datas. Todas estas pessoas foram e ainda permanecem importantes na Educação Brasileira. Diante disso, uma das



¹ Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). Professor Emérito da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professor dos cursos de Pós-Graduação em Geografia da UECE e da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Coordenador do Grupo de Pesquisa: “Sistemas técnicos e espaço”.

² Entrevista realizada em 20 de maio de 2014, Fortaleza (CE).

³ Doutoranda em Geografia (UECE). Mestre e Licenciada em Geografia (UECE). Professora do Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Avançado Profa Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM). Integrante dos Grupos de Pesquisa: “Sistemas técnicos e espaço” e “Núcleo de Estudos de Geografia Agrária e Regional (NuGAR)”.

preocupações que se apresentava era: O que fazer com tais registros? “Simplesmente” desfazê-los? Na dúvida, as caixas permanecem com as agendas e memórias, mas, dessa vez, na biblioteca da sua residência. Portanto, acredito que esse momento representa, decerto, parte desse ensejo.

Tereza Vasconcelos: Nas tantas linhas escritas, observa-se o quanto a história da sua vida encontra-se e, até mesmo, confunde-se com a própria história da Geografia, por meio do entrelaçar dos acontecimentos. Diante daqueles em que foi possível participar, poderia elencar quais eventos considera mais relevante?

Luiz Cruz Lima: Nossa vida é acionada pelos eventos, uns mais impulsivos outros mais exigentes de racionalidade. Primeiramente, ressaltar meu ingresso na vida docente, dando aula na preparação aos exames de admissão ao ginásio da época, quando ainda mal completara duas dezenas de anos de vida, graça aos interesses que me despertavam a busca de conhecimento e a aceleração que movia o mundo na primeira década da segunda metade do século XX. Embora sem a simultaneidade das informações, como ocorre na atualidade, a juventude de Fortaleza da época estava sintonizada com os acontecimentos mais relevantes que ocorriam nos centros mais dinâmicos, tanto nas metrópoles brasileiras, como onde se centravam as ideias revolucionárias. Isso me empolgava a entrar nas discussões políticas, até entrar no ambiente político revolucionário, o que me premiaria ser participante das reuniões, das discussões de ideias que se expressavam nos círculos mais esclarecidos na primeira metade dos anos 1960.

Tereza Vasconcelos: E a Geografia, como ela “entrou” na sua vida?

Luiz Cruz Lima: Iniciava-me no magistério com a responsabilidade de ministrar aulas de aritmética, geografia, história e português, obrigatórias para o exame de admissão ao curso ginásio, correspondendo ao sexto ano atual. Isso me daria chance para ampliar o namoro de criança que alimentava meu desejo de conhecer porque o mundo é assim, de terras e águas imensas, com povos vivendo com tantas desigualdades. Isso tudo me levava a ser discente no Curso de Graduação em Geografia, de 1966 a 1971, da Universidade Federal do Ceará (UFC). Via que era a ciência geográfica que melhor atenderia meu desejo de desvendar o oculto, daí porque ingressei nos estudos dessa ciência, onde ainda me mantenho.

Tereza Vasconcelos: Professor Luiz, você vivenciou o período efervescente da Ditadura Militar no Estado do Ceará. Digo efervescente não apenas pelo clima de tensão instaurado pelos militares, mas também pela formação de muitos círculos, grupos de estudo e encontros integrando jovens estudantes e trabalhadores, mesmo que às escondidas da repressão. Como foi a sua experiência?

Luiz Cruz Lima: Muito salutar. Repetiria tudo, mas com mais perfeição. Vou tentar um resumo. Como sou originado de família pobre, com pai operário e mãe costureira expulsos da cruenta vida sertaneja onde perderam dez filhos, desejava me enfileirar entre aqueles que lutavam por uma sociedade mais igualitária, mais solidária e livre da exploração. Tão logo constituí família, com apenas vinte anos, fui residir no bairro operário de Carlito Pamplona, inserido no coração da zona industrial da Av. Francisco Sá. Aí, iniciei minha caminhada nos movimentos de rua, de reunião dos moradores do Pirambu (na época a maior favela do mundo, um submundo da miséria em abandono pelo poder público), nas passeatas dos operários, embora sendo professor. Logo, ingressei no Partido Comunista Brasileiro (PCB), tendo minha célula (núcleo de companheiros de luta e de estudo) nesse bairro. Dado o fato de discordar da centralidade e domínio de meia dúzia de companheiros, passei a integrar um pequeno grupo dissidente que logo deixaria o partido e iria trabalhar independentemente com os operários, camponeses e estudantes. Para sobreviver, aluguei a sala 122 do edifício Triunfo, na Rua Liberato Barroso esquina com a Rua General Sampaio, onde preparava interessava para os exames supletivos. Nessa sala, aos sábados, eu e outros companheiros ministrávamos aula sobre a teoria de Marx e Lênin. Com o golpe de 1964, a sala foi interdita pelo exército com a prisão de meu irmão, enquanto eu estava foragido. Com a minha prisão e a liberação desse grande amigo e parente, a sala foi aberta para apenas funcionamento das aulas do curso regular, conforme determinação do exército. Naqueles anos, eu lecionava, também, taquigrafia como disciplina de arte comercial e as disciplinas do curso de admissão, em alguns colégios de Fortaleza. Tentarem me expulsar dos colégios por ser comunista. Mantiveram-me em alguns, no entanto, por me considerarem bom professor e colega. Com o regime político-militar, minha ação passou a ser clandestina, indo atuar num grupo político trotskista de elevado nível intelectual, mas com boa contribuição junto a operários, camponeses e estudantes. Nesta fase, eu me encontrava na UFC, sempre atuante, mas clandestinamente, embora observado pelo diretor do Instituto de Geociências, um professor altamente comprometido com a ditadura, (ainda vivo, mas aposentado), desejoso de prestar serviço ao

Serviço Nacional de Informações (SNI), com a minha prisão. Driblei-o e não lhe dei oportunidade. Particpei de muitas lutas, inclusive no enfrentamento com as forças militares, frente ao Centro dos Estudantes Universitários (CEU) no Benfica, onde hoje estão algumas unidades acadêmicas. Tive alguns amigos presos que sofreram torturas aqui e noutros estados. Outros foragidos para o exterior. Mas eu fiquei mesmo sendo vigiado e sempre atendendo a chatice dos chamados da Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS), para saber se tinha eu participado de algumas ações, inventadas pelo delegado. Ao concluir o curso superior, em 1971, fui convidado a apresentar minha primeira pesquisa, sobre a dita zona industrial da Av. Francisco Sá, num Congresso de Geógrafos no Canadá. Ao tentar obter o passaporte, eis que a tal DOPS só me permitiria viajar, se me apresentasse à polícia daquele país. Claro que fui, mas não atendi a essa esdrúxula e imbecil ordem. Voltei, mas não fui preso. Diante do que vi e vivi no ambiente partidário, resolvi não mais me submeter a partido, mas agir independente. Concluindo o curso superior, logo fui admitido em seleção para a Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (UECE/FAFIDAM) em Limoeiro do Norte (CE), para lecionar Geografia. Novamente, lá estavam os espíões, segundo me avisara um dos diretores. Além disso, um delegado local quis me negar a folha corrida para assumir, exigência da época da repressão, mas consegui com alguma dificuldade. Com o tempo, montei trincheira de luta na docência universitária, em busca da defesa de uma vida mais solidária e menos desigualdade entre os homens.

Tereza Vasconcelos: Tomando o gancho desse clima, não poderia deixar de tratar das manifestações históricas que ocuparam as ruas nos mais diversos recantos do Brasil. Sob o olhar geográfico e diante de sua experiência, no seu entendimento quais foram os “estopins” e, pergunto-lhe: Há, de fato, liberdade para manifestar-se?

Luiz Cruz Lima: Não resta dúvida que não se constrói uma nação em poucas décadas. O processo da formação socioespacial brasileira é muito sinuoso, com múltiplas ações de grupos concentradores de poder e de diversificados interesses, daí decorrendo a organização de um Estado representativo dessas forças, além de se filiarem, claramente, aos interesses dos países hegemônicos como ocorreu em 1808 (com a Inglaterra) e em 1964 (com os Estados Unidos). Mais recentemente, com o duro e cruel golpe civil-militar de 1964, tivemos que lutar muito para possibilitar a realidade atual. Claro, dentro do contexto do sanguinário

sistema capitalista. O que os movimentos populares puderam soerguer foi esse cenário de uma democracia burguesa de nível retardatário. Desconheço nação que tenha conquistado liberdade sem muita luta, com derramamento de sangue. Temos que lutar muito ainda. Vejam que agora estamos abrindo algumas brechas para processar os maiores criminosos da recente ditadura, os sanguinários torturadores. Esses monstros são protegidos por grupos poderosos, pois com eles tinham compromisso. Os movimentos de rua de junho de 2013 foi um pequeno, mas importante cenário em que se exercitou o poder das massas. Parece-me que as derrotas das massas as fortalecem para lutas futuras. É o que ocorre com as greves em que os operários não conseguem suas reivindicações, mas elas deixam grandes lições para as próximas. Importante ter em mente que a liberdade é uma conquista das lutas, das batalhas. Assim, não se espera que o Estado seja benevolente com os movimentos de rua, especialmente quando se voltam contra o capitalismo, contra o poder da riqueza.

Tereza Vasconcelos: Considerando o nascedouro das Universidades no Estado do Ceará, na sua concepção, estas surgem como resultantes da “liberdade de expressão” ou ainda inseridas na “lógica da repressão”?

Luiz Cruz Lima: O nascer de um centro de produção ou de reprodução de conhecimento para o povo não se faz em regime ditatorial. Agora, não vamos pensar que a universidade seja o núcleo do movimento de transformação da sociedade capitalista. Às vezes, ela serve para fortalecer o capitalismo. Um caso exemplar são as Instituições de Ensino Superior (IES) dos EUA. A Universidade de São Paulo (USP) nasceu de movimento da burguesia nos anos 1930, para formar a força de trabalho qualificada para ser explorada e lhe propiciar alta mais valia. No caso do Ceará, as escolas de ensino superior surgem no momento em que a sociedade urbana de classe alta e média exigia profissionais para atender suas necessidades. Elas foram agregadas em Universidade quando a dinâmica dos negócios possibilitava a absorção dos profissionais capacitados, para reprodução do capital das empresas. É claro que a Universidade é um pedaço do Estado, onde a formação é controlada dentro do reino do que é de interesse do capitalismo. Mesmo assim, a luta do povo também ganha com adesão de intelectuais acadêmicos que decidam se agregar à batalha dos que vivem marginalizados pelo poder público e terrivelmente explorados pelos donos do capital. Esses “intelectuais engajados” poderão contribuir com alguns ensinamentos para elevar o conhecimento das pessoas pobres dos bairros

periféricos, do meio rural onde se localizam os mais variados tipos de trabalhadores. Em síntese, utilizando-me da linguagem do meu povo, diria que a universidade é “faca de dois gumes”, pode servir aos poderosos, como pode, também, ser útil ao povo pobre.

Tereza Vasconcelos: A entrada do Curso de Geografia nas Universidades do Estado do Ceará acompanha esse processo?

Luiz Cruz Lima: De certo modo. Não somente aqui, mas em várias partes do Brasil, vemos que os estudantes e pequena parte dos docentes assumem posturas políticas a favor da luta do povo. Mas há um bom número que estão na universidade para adquirir conhecimento técnico como meio para conseguir bons salários e poder. Há que lembrar que a Geografia, ensinada por muitos professores, é alienante. No caso de nossa UECE, apesar da permanência de docentes retardatários, os discentes são provindos de classes sociais mais baixas, com ânsia de mudar a sociedade desigual, daí entrarem nos movimentos de protesto, de lutas em prol de melhores condições de ensino e de trabalho. Apesar dos escritos de Yves Lacoste, de Milton Santos, de Neil Smith e tantos outros geógrafos críticos, a Geografia ainda “serve para fazer a guerra”, isto é, serve como instrumento para alienar, para alimentar o capital e ser contra a luta do povo. Por isso, temos a obrigação de trabalhar para a Geografia ser útil aos que sustentam a universidade: o povo.

Tereza Vasconcelos: Você analisa que, ao longo dos anos, o ensino de Geografia e as pesquisas desenvolvidas no âmbito das Universidades localizadas no estado do Ceará foram construindo e consolidando sua própria identidade ou ainda possuem fortes influências das escolas de base francesa? Evidentemente, tenho o cuidado para não entender a identidade como algo homogêneo e nem muito menos isolado do Todo.

Luiz Cruz Lima: Em recente número da revista Ciênciahoje, número 312, vol. 52 de março de 2014, foi publicada a entrevista com o pesquisador Cláudio Pinheiro, com o título “Descolonização do pensamento”, onde ele destaca essa “papagaição” de nossos acadêmicos. Na Geografia, isso é explícito. Em 1978, ao retornar às lides acadêmicas brasileiras, Milton Santos nos presenteia com seu “Por uma Geografia nova”, onde ele apresenta sua proposta de fazermos uma Geografia para nossa realidade, a realidade do mundo subdesenvolvido, com o fim de construirmos as saídas para uma sociedade mais humana. Depois de

algumas décadas, já vemos o produto dessa proposição do grande geógrafo. Muitos colegas hoje se inserem na fileira aberta em 1978. Para conseguir pensar de modo mais livre da ideologia dos dominadores, temos que iniciar com a utilização de um método que nos ofereça clareza da realidade do espaço em que vivemos no contexto do mundo. Nisso reside um dos caminhos para sair do embuste da colonização do pensamento e criarmos uma consciência livre dos grilhões da dependência dos países hegemônicos que agridem nosso pensar e nossa independência de criar o que nos é útil.

Tereza Vasconcelos: Sempre escutei você falar que a juventude da graduação lhe dava ânimo. O exercício da docência e a proximidade com os alunos, tantos anos depois, ainda lhe proporciona esse mesmo sentimento?

Luiz Cruz Lima: Evidente que as décadas da ditadura recente e a arquitetura do regime capitalista atual massacraram a consciência do povo, atingindo de cheio a juventude. O comportamento e os valores ditados pelas mídias, além da modificação da linguagem avantajam-se no meio dos jovens: ao invés de solidariedade, utiliza-se competitividade; ao invés de formação crítica, destaca-se o empreendedorismo; a técnica superpõe-se ao conhecimento científico e crítico; a velocidade é mais importante do que a reflexão; o esquema torna-se bastante, desprezando-se a leitura atenta e reflexiva; a linguagem reduzida desfaz a elegância do falar; a discussão política é trocada pelos comentários vãos e sem nexos; o valor às coisas fala mais alto do que o valor às pessoas; o aparente vale mais que o conteúdo, especialmente tratando-se das pessoas, e por aí vai, desmantelando a sociedade e sua base preciosa que é a juventude. Nas minhas modestas aulas, eu já sentia isso, mas na condução dos trabalhos eu exigia muita seriedade e conseguia quebrar essa força negativa que pairava na atmosfera das atividades dos alunos. Nas aulas da pós-graduação, esse comportamento doentio domina alguns, especialmente envolvidos mais com os aparelhinhos da telemídia como a exibirem a modernidade, embora a cabeça esteja vazia e isolada do debate. Que mestres e doutores teremos para reproduzir o mundo do saber crítico!

Tereza Vasconcelos: Ainda sobre o Ensino da Geografia, como observa, na atualidade, o “Ensino Básico”, que compreende os Ensinos Fundamentais (I e II) e Ensino Médio?

Luiz Cruz Lima: Nessas escolas públicas, dadas às péssimas condições de abandono por parte dos governantes, além da carga excessiva de trabalho dos professores e gestores, o que é possível ministrar é a repetição dos planos elaborados sem criatividade e possibilidade para os estudantes dialogarem e exporem os problemas reais de sua vida. Não há encanto no ensinar, falta motivação para alunos e docentes a desenvolverem uma prática do diálogo crítico. O resultado é um limitado número de jovens mal preparados para continuidade de sua formação e para a conquista de melhores condições de trabalho. Por vezes, a sala de aula passa a ser palco para expressar a revolta, com os casos de agressão entre colegas ou contra os mestres. Na escola privada, dita com melhores condições de trabalho, o que se ensina é o que é útil ao “status quo”, modificando-se a aparência do quadro expositor e das cadeiras, para continuar o mesmo conteúdo de alienação. Se salva disso um grupo de colegas que criam suas aulas, trazem os problemas do cotidiano, numa abordagem metodológica freiriana e conseguem fazer uma Geografia que sirva para a formação dos jovens estudantes. Nas minhas aulas, com o diálogo inicial, ouvi muitas dessas confissões dos jovens que provinham do curso médio. Nunca me abati, mas era motivo para ampliar minha responsabilidade na formação daqueles mancebos que expressavam forte desejo de sair dessa anemia intelectual. As obras de Milton Santos têm tido muita difusão no Brasil e nos demais países da América Latina, especialmente entre os professores, o que vem contribuindo para melhorar a formação das atividades docentes.

Tereza Vasconcelos: Atualmente, no Ceará há três Programas de Pós-Graduação (Universidade Estadual do Ceará-UECE; Universidade Federal do Ceará-UFC; Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA). Dois destes apresentam Doutorado em Geografia. Percebe-se que esse movimento, de abertura de novas pós-graduações, expande-se por todo o país e nos mais diversos cursos de graduação, como não antes visto. Como analisa essa expansão? Compreende-a como positivamente?

Luiz Cruz Lima: É muito salutar a descentralização dos centros de formação, antes restrito às duas metrópoles nacionais. Basta visitar o site da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) para vermos como, nos últimos dez anos, esse processo se expandiu pelo país. Por outro lado, torna-se preocupante quanto à avaliação desses cursos e a própria formação dos pós-graduandos, especialmente com título de doutor. Essa avaliação não deve

restringir-se ao curso em si, mas às IES no que se refere à renovação e ampliação do quadro docente e às estruturas de funcionamento, com destaque à biblioteca. Um item importante na avaliação desses cursos se refere à produção de qualidade e de pesquisa responsável que apresentem bons resultados para o corpo do conhecimento como para a valorização da sociedade.

Tereza Vasconcelos: Para além da possibilidade de convênios e parcerias com outros Centros e Universidades Nacionais e Internacionais e da elaboração de dissertações e teses nos tempos considerados “hábeis” para os órgãos de fomento, no que e como a pesquisa e a ciência podem, de fato, contribuir com a transformação ou, ao menos, proporcionar melhores condições para a realidade?

Luiz Cruz Lima: Como disse, anteriormente, a Universidade é “faca de dois gumes”. Ela pode servir aos bons anjos e aos demônios. Caso recente serve como exemplo, enquanto uma colega de uma das nossas universidades do Ceará fazia uma pesquisa para servir de fortalecimento de uma comunidade do litoral, outro colega fazia outra pesquisa a favor de um grande empresário, em detrimento da referida comunidade. Grande volume de dinheiro dos agentes de fomento dá preferência a projetos que proporcionem “desenvolvimento” de linhas preferenciais. A preferência ou a prioridade é servir às empresas, muitas delas com ações que prejudicam as coletividades. Em recente pesquisa de campo em uma grande irrigação, encontramos uma das universidades envolvida no projeto que só beneficiava empresários, além de ser invasora de terras dos camponeses e de indígenas. Poucas pesquisas financiadas se dirigem a mudar a realidade. Digo mais: as pesquisas não retornam às comunidades, nem para apresentar os resultados.

Tereza Vasconcelos: De certo, aqui estamos tracejando o tripé preconizado pela Universidade: Ensino, Pesquisa e Extensão. Percebe-se que essa última acaba, por vezes, sendo colocada em segundo plano ou mesmo em terceiro... Essa também é uma avaliação sua? Pensa que o excesso de atividades demandadas aos docentes e, muitas vezes, a carência de infraestrutura proporcionada pelo Estado influencia?

Luiz Cruz Lima: Extensão mantém-se como atividade sem grande importância nesse tripé de nossas universidades. Basta fazermos um demonstrativo estatístico para vermos a discrepância entre a quantidade de projetos. Mais ainda: as pesquisas quase sempre não produzem atividade de extensão, nem sequer

retornam com seus resultados para as comunidades que ofereceram informações para os pesquisadores.

Tereza Vasconcelos: Ao longo da História do Pensamento Geográfico, muitos conceitos foram entendidos como objetos da Geografia. Assim foi com a Região e depois há a retomada do Espaço Geográfico. O mesmo, a meu ver, vem sendo levado ao conceito de Território. Se assim também compreende, à que isso se deve?

Luiz Cruz Lima: Até o final da década de 1970, os geógrafos brasileiros e latinoamericanos viviam submetidos às teorias e aos métodos provindos das academias dos países hegemônicos, ou mais precisamente, da França, Estados Unidos e Alemanha. Conceitos, paradigmas, categorias de análise, método e a linguagem técnica e científica eram dos núcleos do saber internacional oficializado pela “colonização do pensamento”, como me referi anteriormente. Alguns geógrafos brasileiros se armaram de outras categorias e deram início ao movimento epistemológico que veio se coroar com a contribuição de Milton Santos. Além desse torvelinho de teorias que povoavam as cabeças de nossos jovens estudantes de geografia, causando mais confusão do que norteamento para analisar nossa realidade. Ao iniciar minhas aulas da disciplina “Fundamentos de Geografia”, eu indagava: o que é Geografia? Quase todos dizem mil e uma extravagâncias. Sintetizando, revelavam que a Geografia estuda tudo. Maior era a confusão ao solicitar uma definição de espaço. Assim marchava a formação do pensamento geográfico no Brasil. Tivemos um “vendaval” nos ambientes acadêmicos e nos institutos de pesquisa do país, quando novas abordagens são propostas em eventos acadêmicos e em algumas cátedras, como a que tive a honra de ser responsável em minha universidade. Era novo tratamento do método, baseado na dialética, nas abordagens marxistas, entendendo a Geografia como ciência social, sem abandonar a importância da natureza, portanto continuar a termos Geografia Humana e Geografia Física. Mais importante: passamos a ter uma ciência dinâmica, como dinâmica é a sociedade, é a vida. Alguns chamam até de Geografia em movimento.

Tereza Vasconcelos: Apesar de discussão bastante debatida, o conceito de Espaço Geográfico ainda demanda muitas dúvidas e, em alguns casos, equívocos. Penso que essa discussão é bastante ampla e complexa. No entanto,

gostaria de aproveitar a oportunidade e perguntá-lo: como compreende o espaço geográfico?

Luiz Cruz Lima: Para mim e para meus alunos, ao conceito não cabe dúvidas. Cabem dúvidas para quem busca um conceito impregnado de positivismo, de conceito matemático. Sei que as metamorfoses de uma ciência não se fazem em pouco tempo. Quatro décadas é um tempo curto para um novo conhecimento sobrepor ao que tivemos durante mais de um século de difusão, inclusive com a grande contribuição dos governos e das empresas. O novo que se põe na Geografia, desde o último quartel do século XX não é de agrado para os que detêm o poder no país e no mundo. Não é em vão quando Milton Santos diz, no último capítulo de seu “Por uma Geografia nova”: “Ela [a Geografia] deve tentar dominar o futuro para o Homem, isto é, *para todos os homens* e não só para um pequeno número deles”. Ora, isso atinge o cerne da questão, termos uma ciência que sirva ao homem, à sociedade, e não aos que têm interesse à acumulação e reprodução do capital. Duas obras clássicas desse autor se centram na compreensão da Geografia nova: o já citado e o “A natureza do espaço”.

Tereza Vasconcelos: Professor Luiz, você tem se dedicado há décadas aos estudos referentes aos conceitos de Formação e Reestruturação Socioespacial, tornando-se referência. Seus estudos possuem como base inspiradora o debate, acerca da “formação econômica social”, conceito desenvolvido por Marx e as ideias do Milton Santos, bem como, evidentemente, de outros pensadores. Poderia explanar um pouco no que tange a Formação Socioespacial e Reestruturação Socioespacial, a partir dos trabalhos desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa que coordena?

Luiz Cruz Lima: Em primeiro lugar, referencio na Geografia o conceito de formação socioespacial por força do desejo de melhor conhecer meu povo. Isto nos conduz a compreender como a sociedade processou sua construção, tanto em sua cultura, quanto em sua materialidade, cuja temporalidade nos obriga a atender a proposta de periodização. Como cada período comporta diferentes fases, a partir do desfalecimento do período anterior, buscamos os meios de produção e as relações de produção que deram suporte a cada fase. Por fim, vem a crise ou a ruptura como culminância do momento em que o período em falência dá origem a um novo momento. Nesse perpassar de momentos históricos, a sociedade vai enriquecendo-se com novos valores, novos objetos e novas ações.

É a essa sequência, desvendada nas pesquisas que chamamos de reestruturação socioespacial. Com meus inesquecíveis estudantes, discutimos esses procedimentos metodológicos e aplicamos numa fração do Brasil, no caso o Estado do Ceará. Percutando as preciosas obras dos pensadores, como Lefebvre, Marx, Milton Santos e outros, tenho encontrada boas indicações para futuro trabalho em que poderei contribuir para melhor discernir as ideias que nos deixou esse último pensador.

Tereza Vasconcelos: Ainda tratando da pergunta anterior e tomando como referência o debate que relaciona a Formação Socioespacial ao Estado-Nação, é possível a leitura, a partir do Ceará, ou seja, é possível a “Formação Socioespacial do Ceará e a Reestruturação Socioespacial do Ceará?”

Luiz Cruz Lima: O Ceará não está fora do mundo, fora do Brasil. O Ceará é uma fração desse todo onde se expressaram e continuam a ocorrer muitos importantes fatos de expressão nacional e internacional. Um território que finalizava o Brasil Colonial, dando início o outro Brasil, o Grão Pará e Maranhão, foi palco de muitos acontecimentos que têm sido olvidados pela Geografia. E nossos indígenas, com suas marcas, suas territorialidades e a forte cultura muito bem gravada em nós todos (da tapioca à rede, da religiosidade ao uso das ervas, além da linguagem e das toponímias), tudo isso tem que ser inserido na Geografia brasileira. A propósito, por que se dá tanta importância aos acontecimentos históricos do Sul e Sudeste, como expressão nacional, enquanto o que ocorreu no Nordeste é apenas local ou regional? Temos que retomar uma metodologia em que se veja o Brasil, a partir do Ceará, ou do Maranhão, do Piauí, por exemplo. Compreendo que Lênin tratou, em seu “O desenvolvimento do capitalismo na Rússia” da formação econômica e social da unidade nacional, mas temos que experimentar refazer os caminhos, sem abandonar os princípios teóricos. Isso tem me feito, com meus estudantes, a trabalhar a Geografia do Ceará, a partir desse viés. É um debate em andamento.

Tereza Vasconcelos: Nos últimos anos você tem se dedicado intensamente à questão indígena, agregando pesquisadores que tratam das conflitualidades e conflitos, mas, também, inserindo o debate nas raízes da Formação Socioespacial do Ceará. Como vem se desenvolvendo tais abordagens?

Luiz Cruz Lima: É um desafio da pesquisa. Quando caminhávamos na periodização da formação socioespacial do Ceará, eis que barramos num dilema:

VASCONCELOS, T.S.L. Razão e emoção: professor Luiz Cruz Lima e/na Geografia (entrevista). Revista GeoUECE - Programa de Pós-Graduação em Geografia da UECE Fortaleza/CE, v. 3, nº 4, p. 336-348, jan./jun. 2014. Disponível em <http://seer.uece.br/geouece>.

a Geografia oficial e escolar ensina que nosso território inicia-se com as fazendas de gado dos imigrantes que ocuparam as terras ribeirinhas, homens invasores batizados como colonizadores. A Geografia mantém-se silenciosa sobre a gente que vivia no litoral e nos amplos sertões e serras, antes do boi ocupar as terras dos homens, como as ovelhas inglesas expulsaram os homens do território irlandês, no início da fabricação dos tecidos de lã. Esse comportamento dos invasores provocou guerras infundáveis de resistência com muitas mortes, finalizando com a submissão dos indígenas. A Geografia sofre de miopia para tratar desses fatos, repetindo que o “colonizador” produziu o espaço que hoje utilizamos. Parece-me que essa Geografia fora instituída pelas mesmas cabeças que escreveram e impuseram o famoso documento oficial de 1863 onde se declara que no Ceará não mais havia índios. O movimento indigenista do Ceará provocou a Assembléia Legislativa anular esse documento insano e de interesses escusos dos poderosos do século XIX. Nasce daí a compreensão de que tivemos um espaço indígena, em cima do qual se produz um espaço da agropecuária. Os indígenas nunca sumiram, foram silenciosos para não serem mortos, mas hoje eles bradam por seus direitos extorquidos pelos que tinham mando sobre os bens e sobre a vida, como os militares, os governantes, os latifundiários e a igreja. É dever do intelectual subverter o que nos força aprender como verdade.

Tereza Vasconcelos: Por fim, gostaria de agradecer a dedicação, gentileza e atenção que vem dedicando, ao longo de tantos anos. É sempre um grande aprendizado ouvi-lo. Que outros momentos possam acontecer. Muito agradecida!